

## A DROGA DO TOXICÔMANO



**A DROGA DO TOXICÔMANO**  
**Uma parceria cínica na era da ciência**

2ª edição revista

Jésus Santiago



© Relicário Edições

© Jesús Santiago

CIP –Brasil Catalogação-na-Fonte | Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

S226d

Santiago, Jesús

A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência / Jesús

Santiago. – 2ª ed. rev. – Belo Horizonte : Relicário Edições, 2017.

272 p. (Coleção BIP – Biblioteca do Instituto de Psicanálise)

ISBN: 978-85-66786-54-5

1. Toxicomania. 2. Psicanálise. I. Título. II. Série

CDD 616.8917

CDD 616.89-008.441-3

COLEÇÃO BIP – BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE

DIREÇÃO Ana Lydia Santiago

CONSELHO EDITORIAL

António Beneti

Elisa Alvarenga

Francisco Paes Barreto

Sérgio Laia

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maíra Nassif Passos

CAPA Ana C. Bahia

DIAGRAMAÇÃO Kátia Regina Silva | Babilonia Cultura Editorial

REVISÃO Lucas Morais

RELICÁRIO EDIÇÕES

[www.relicarioedicoes.com](http://www.relicarioedicoes.com)

[contato@relicarioedicoes.com](mailto:contato@relicarioedicoes.com)

## SUMÁRIO

Nota do autor	9
Nota do autor à 2ª edição	11
Prólogo	15
<b>I. DO SÍMBOLO À LETRA: O EFEITO <i>PHÁRMAKON</i></b>	<b>23</b>
Droga e discurso	24
<i>Phármakon</i> , o símbolo	28
<i>Phármakon</i> , o sintoma	32
Quando a letra se separa do símbolo	40
<b>II. DROGA E MITO: SÍMBOLOS DA NATUREZA E TÉCNICA DO CORPO</b>	<b>49</b>
Complexo xamânico do <i>phármakon</i>	50
Significante desencadeador e amplificador	53
Droga e sujeito xamanizante	56
<b>III. DROGA E CIÊNCIA: VALOR DE GOZO NO MERCADO DO SABER</b>	<b>61</b>
O conhecimento substancialista do <i>phármakon</i>	64
Cálculo da substância pelo sujeito da ciência	69
Excedente de gozo no mercado do saber	73
<b>IV. A COCAÍNA E O DESEJO DE SUTURA EM FREUD</b>	<b>77</b>
O mito energético da cocaína	78
Freud e a origem da categoria de toxicomania	81
A ambição de quantificação da cocaína	85
O fracasso do desejo de sutura	89
<b>V. FREUD E O IDEAL DE CIFRAÇÃO DO GOZO</b>	<b>93</b>
O princípio único da toxina fliessiana	94
Cifrar a libido pelo ideal da ciência	98

A trimetilamina decifrada 101  
A toxicidade inerente da libido mitificada 107

## **VI. UM CASAMENTO FELIZ DIANTE DO IMPOSSÍVEL**

### **A SUPORTAR 114**

A *Unterdrückung* tóxica 115  
O mais-de-gozar como impossível da felicidade 118  
Dimensão ética das construções substitutivas 122  
O casamento feliz com a droga 127

## **VII. PÓS-FREUDISMO E A FUNÇÃO DESGENITALIZADORA DA DROGA 134**

A desgenitalização da libido sexual 135  
A droga não é a causa 139  
Orgasmo farmacotóxico 143  
O supereu solúvel no álcool 150  
Justaposição kleiniana da toxicomania à perversão 157

## **VIII. LACAN E AS PARCERIAS CÍNICAS NA ERA DA CIÊNCIA 165**

Não há conhecimento da experiência da droga 166  
Mais-de-gozar particular como efeito da ciência 173  
Parceria cínica na era da ciência 181

## **IX. VONTADE DE SER INFIEL AO GOZO FÁLICO 189**

Curto-circuito do problema sexual 190  
Ruptura com o gozo fálico 196  
O toxicômano não é um perverso 200  
Clínica da insubmissão ao serviço sexual 205

### **CONCLUSÃO 215**

Valor identificatório da toxicomania 216  
Droga como produto da literalização da ciência 216  
Os produtos de substituição diante do agente paterno 218  
Ser infiel no casamento com o falo 219  
Solução não fálica à construção do parceiro sexual 222  
A inexistência do outro e o artefato da droga 226

**Posfácio à 2ª edição 231**

**Notas 243**

“

*“É um plano ascético, preservado na história por Diógenes, que assume o gesto público da masturbação como o signo dessa afirmação teórica de um hedonismo dito – pela razão mesma desse modo de satisfação – cínico e que se pode considerar como um tratamento, Handlung, médico do desejo.”*

Jacques Lacan,  
*La logique du fantasme*, 10 de maio de 1967.

*“O drogado curto-circuita o apetite sexual!”*

William Burroughs,  
*Junky*, 1953.



## NOTA DO AUTOR

O presente trabalho constitui minha tese de Doutorado, defendida na Universidade de Paris-VIII, no Departamento de Psicanálise, cujo diretor é Jacques-Alain Miller. Apesar de o texto guardar o essencial de sua primeira versão, várias modificações foram-lhe acrescentadas por força do próprio avanço de meu ponto de vista sobre o tema.

Quero agradecer, de maneira especial, a Serge Cottet, pela orientação empreendida durante a elaboração deste estudo. Suas observações e sugestões, sempre agudas, não apenas foram determinantes para o estabelecimento de minhas principais coordenadas e balizas conceituais, mas também souberam me lançar ao trabalho de investigação.

Que Jacques-Alain e Judith Miller, pelo apoio a esta publicação, encontrem nela a expressão de meu reconhecimento.

Quero agradecer, também, aos meus colegas do *Centro Mineiro de Toxicomania* e aos grupos de pesquisa vinculados ao *Institut du Champ Freudien* – o *Groupe de Recherches et d'Etudes sur la Toxicomanie et l'Alcoolisme* – GRETA e o *Núcleo de Pesquisas de Toxicomania e Alcoolismo* do *Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais* –, com quem pude, em diferentes momentos e ao longo destes últimos anos, compartilhar minhas principais preocupações teórico-clínicas sobre a toxicomania e o alcoolismo.

Por último, é preciso assinalar minha gratidão a Réginald Blanchet e Maria Lúcia Brandão Freire de Mello, que aceitaram ler meus manuscritos e propor modificações capitais para ajustá-los a esta versão final.

J. S.

*fevereiro de 2001*



## NOTA DO AUTOR À 2ª EDIÇÃO

Esta segunda edição de *A droga do toxicômano* é resultado do interesse cada vez mais crescente dos leitores, especializados ou não, pelo tema clínico explorado neste livro, marcante na presente época. Entre as diversas teses que se extraem desta obra, destaco a de que a droga do toxicômano se constitui saída que fixa o sujeito na autossuficiência com o gozo do corpo, tornando possível o que se denomina *parceria clínica* com a satisfação tóxica. A pertinência da tese clínica do gozo cínico, proposta por Jacques-Alain Miller, se destaca entre outros aspectos, na postulação de uma nova modalidade de sintoma, sobretudo quando se levam em conta as estruturas clínicas clássicas da histeria, da obsessão, da fobia e da perversão. Ênfase, portanto, o quanto o sintoma da relação desregrada do toxicômano com a droga se distingue das manifestações sintomáticas dessas estruturas, porque se afigura algo indecifrável e ininterpretável pela via do inconsciente estruturado como linguagem. É o que explica as dificuldades da prática analítica com esse sujeito, pois o sintoma toxicomaniaco não se revela fator de complementação pelo *ser de saber* do analista. O maior impasse do psicanalista ao lidar com esse paciente estrutura-se assim: por não se revelar uma verdade decifrável e interpretável, a toxicomania não favorece a complementação do sintoma pelo *ser de saber* do analista e não se exprime, conseqüentemente, por uma relação de dependência com o *sujeito suposto saber*.

A relação compulsiva do sujeito com a droga – a toxicomania – é uma evidência de que a metáfora do sintoma não se constitui função generalizável a toda a psicanálise, já que não se configura portadora de uma mensagem oriunda do retorno do recalçado. Ao contrário, o sintoma toxicomaniaco encarna certo *modo de gozo* que Lacan

busca postular sob o prisma da função borromeana de enodamento diante do que se apresenta como a parte ininterpretável do sintoma. Isso implica consequências na prática analítica, pois, nesse contexto, o tratamento não torna o analista sujeito suposto saber – ou seja, ele não emerge da experiência para completar a verdade decifrável do sintoma.

Há, contudo, uma via para o analista em face do toxicômano. É o que Lacan denomina, no âmbito de seu último ensino, analista *sinthoma*, concepção que ele explicita mediante a expressão “ajuda contra”. Esse analista estrutura-se no ponto em que o sintoma se mostra refratário à complementação pelo saber e, simultaneamente, apresenta a mesma consistência do furo que se depreende do real ininterpretável. Chama a atenção, por outro lado, que a figura da “ajuda contra”, extraída originalmente do texto bíblico, enfatiza o modo como se presta a nomear a presença do feminino para o homem. Como observa Lacan, esse real do sintoma não é acessível sem a escrita que, nesse caso, advém do Gênesis, na tradução de André Chouraqui: “Deus criou para o homem uma ajuda contra ele”. Ao contrário das versões mais difundidas da Bíblia, que veem na criação da mulher “uma ajuda que seja adequada” ao homem, Chouraqui não apaga o lado herético da mulher – *causa de desejo* –, visto que essa criação não se caracteriza, para Adão, pela benevolência que se associa à ajuda materna.

Destaque-se, a propósito, o apólogo em que Miller recoloca tal questão em bases clínicas compatíveis com o emprego da “ajuda contra”, fonte essencial do analista *sinthoma*. A cena em que tal apólogo se desenvolve é a que se segue: “Lacan, sentado no chão, esforça-se para se levantar, cambaleante – Sollers, que ‘dá um jeito para que ele fique de pé’ – Sylvia, a esposa, que lhe dispara: ‘Mas deixe-o aí, agora ele é grande’”. E o texto conclui-se com este comentário:

A mulher de Lacan aponta que ele não é mais uma criança ou não o é mais que “todohomem”. A verdadeira mulher é a que se define por não ser uma mãe e que, em vez de o colocar de pé, lhe daria uma rasteira. Em suma, a mãe de Lacan é você, Sollers. Ela, Sylvia, é Medeira.

Sob inspiração desse apólogo, o feminino revela-se a encarnação do que gera reviravolta na função do analista como *sujeito suposto saber*, complemento do sintoma. Como *sinthoma*, o analista define-se por uma forma de *ajuda* que, nos termos do Gênesis, vai *contra* o inconsciente que se apoia no Nome do Pai. Segundo Freud, a hipótese do inconsciente só pode se manter com base na suposição do Nome do Pai. No entanto, como supor o Nome do Pai implica supor Deus, infere-se que a “ajuda contra”, para Lacan, se institui segundo uma inversão da narrativa bíblica, já que a substância da ajuda do analista reside no fator ininterpretável do inconsciente – no furo que consiste na inexistência do Outro do Outro. Por mais paradoxal que possa ser, a “ajuda contra” é depositária da morte de Deus. O analista *sinthoma* vale-se de uma hipótese do inconsciente que proporciona ajuda por meio do furo, que se embasa no próprio ato de se prescindir da suposição do Nome do Pai. Considera-se, então, a “ajuda contra” uma tradução possível desse axioma da clínica borromeana, desde que se introduza um acréscimo: ir além do pai, sob a condição de saber se servir do furo.

Parece-me que a toxicomania, concebida no horizonte das psicoses ordinárias, é o que melhor se apresenta no âmbito desse “se servir do furo”, pois, em suas manifestações, exclui a complementação do sintoma pelo *ser de saber*. É preciso levar em conta que, nas psicoses e nas toxicomanias, o sintoma não se complementa, não se interpreta à luz do inconsciente sob a égide do Nome do Pai. Para ser passível de interpretação, é preciso que o sintoma se constitua retorno do recalcado, tenha estrutura de metáfora. Nenhuma interpretação fundada sobre o retorno do recalcado, nenhuma elaboração significativa é suficiente para fazer o sujeito passar do sintoma psicótico, ou toxicomaniaco, ao *sinthoma*.

No caso do sintoma que advém da foraclusão, o próprio analista é convocado no lugar do sintoma. É o estar no lugar do sintoma – o fazer-se *sinthoma* – que torna provável a entrada do analista sem despertar o gozo do Outro intrusivo, mantendo-se à distância das significações devastadoras e como um objeto que se acolhe. Retomando-se a reviravolta descrita do apólogo acima referido, ao *não todo fálico* inerente ao feminino, pode-se apreender o arsenal do analista *sinthoma* no terreno

dos enodamentos e desenodamentos próprios das psicoses ordinárias. Vale dizer que o analista *sinthoma* obedece ao regime do *não todo*, contrapondo-se à concepção que se apoia no Nome do Pai como bússola. Se, na atualidade, as psicoses ordinárias constituem um horizonte, isso decorre do fato de que a feminização da civilização tende, também, a gerar efeitos de devastação expressos no empuxo à mulher, característico da infinitização do gozo pertinente à disseminação d'*A mulher*. A “ajuda contra” constitui-se, assim, o meio possível para fazer valer a função de enodamento do analista nas toxicomanias, pois este se vê munido do *não todo*, única chance de agir sobre o gozo à deriva e sem limites próprio a essas formas sintomáticas contemporâneas.

J. S.  
*fevereiro de 2017*